

## **O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM INFANTIL A PARTIR DO MÉTODO MONTESSORI: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS<sup>1</sup>**

Maria das Graças Saraiva Alves<sup>2</sup>  
Antonio Leonardo Figueiredo Calou<sup>3</sup>  
Rafael Araújo Lira<sup>4</sup>

**Resumo:** A começar pelas primeiras iniciativas de ensino, no Brasil, as quais buscavam catequisar os nativos vistos como selvagens necessitados de instruções para serem civilizados, a Educação Brasileira foi marcada por influência religiosa e legislações ditadas pelo Estado na intenção de suprir as necessidades do sistema econômico. Apenas no século XX podemos encontrar leis que, de fato, enxerguem a Educação Infantil como essencial na formação do cidadão e direito de todos. A partir daí, criou-se códigos que normatizam o Ensino e defendem a presença dos jogos e brincadeiras nas salas de aulas, entendendo a colaboração desses na formação das crianças, como é proposto por várias correntes teóricas e educadores renomados, dentre eles, Maria Tecla Artemisia Montessori. Médica, pedagoga e filósofa italiana, Maria Montessori ganhou destaque durante o século XVIII e XIX, tanto no seu país como em muitos outros, devido a uma vida dedicada ao entendimento da criança e o desenvolvimento de um método próprio que veio colaborar para sua nova compreensão como ser atuante e autônomo que é capaz de construir seu conhecimento a partir do lúdico. Buscando analisar esse tipo de educação à luz da teoria montessoriana, este trabalho tem por objetivo apresentar relatos autobiográficos das experiências lúdicas da sua prática de educadora, embasada pelas indicações de Montessori. Diante disso, para além de uma revisão bibliográfica feita para composição e embasamento de capítulos teóricos, utilizou-se a metodologia das narrativas autobiográficas, sobre as quais se evidenciam práticas pedagógicas e suas afetações conquanto as reações e resistências a elas, descritas na voz da autora deste trabalho. O intuito fim foi construir um texto-práxis, onde a teoria montessoriana se apresenta implicada com a fazer sala de aula da autora, reverberando em contribuições não pessoais/individuais, mas, sobretudo, coletivas, no que diz respeito ao fazer pedagógico e o desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil Brasileira. Jogos. Brincadeiras. Criança. Maria Montessori.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente texto buscou trabalhar as perspectivas lúdicas endereçadas a educação à luz da teoria de Maria Montessori, enfatizando em relatos autobiográficos de minhas (autora principal deste trabalho) experiências práticas docentes, ou mesmo, criações de práticas inspiradas no seu método construtivista. A produção está inserida e traz contribuições das áreas

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora, orientado pelo segundo autor e revisado pelo terceiro.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança (FABIBE). Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Metropolitana. E-mail: fesaraiva04@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Psicologia pelo PPGPsi/UFRN. Mestre na área de Ciências Sociais das Religiões, Educação e Saúde pelo PPGCR/UFPB. Cientista Social e Psicanalista. Atualmente é graduando do bacharelado em Terapia Ocupacional da UNIFATECIE. É atualmente docente e coordenador do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Teresinha e Faculdade Sucesso. E-mail: leo.calou@hotmail.com

<sup>4</sup> Terapeuta Ocupacional pela Universidade Potiguar. Especialista em Gestão Clínica pelo Sírío-Libanês e em Gerontologia pela UNP. rafaellira51@hotmail.com

da psicologia, terapia ocupacional e da pedagogia, demonstrando um fazer construtivista para o desenvolvimento infantil e em sua aprendizagem.

Talvez o desejo por ser educadora tenha sido em mim muito mais conduzido e produzido do que tenha sido uma mera escolha. Penso que durante minha vida, fui aprendendo a arte de educar com aqueles com quem me relacionava, na medida que me relacionava, aliás acredito mesmo que só me foi constituído esse desejo, porque aprendi desde cedo o compartilhamento da aprendizagem, onde está última é fruto de minhas interações com o mundo e minha imaginação.

Desde muito cedo, me sentia uma criança que gostava de desbravar em conhecer as coisas. Muito curiosa, eu mesma me via aprendendo somente quando tinha real interesse. Hoje, isso me faz pensar como as coisas que aprendi tratam-se daquilo que penso ser útil na minha existência, o que me faz constatar que existe uma aprendizagem significativa quando nos formamos trabalhando para as utilidades de nossas vidas e como aprende-las e repeti-las, faz nos inserir socialmente.

A partir desse modo conduzido e produzido pelos acontecimentos da vida no resultado desse meu eu educadora, percebi que se interessar pelo ser pedagoga, não foi um acaso, mas ao contrário, penso que os acasos da minha vida, com tudo que aprendi e pude ensinar com elas, é que me levaram a minha escolha. Escolha feita com bastante zelo, mas também com muita certeza, pois antes mesmo de escolher cursar a licenciatura em pedagogia, já trabalhava em ambientes escolares e de ensino e reforço, público e privado, através do certificado de Normal Médio que obtive no final do meu ensino básico.

Foi nesse período que pude vivenciar melhor o que depois decidi seguir, aproveitando para conhecer melhor que público eu talvez teria melhor interação. Percebi que todos os níveis de educação infantil me interessavam e que crianças gostavam de meu modo, talvez um pouco diferente, de ensinar. Foi quando comecei a me incomodar com as práticas didáticas certos os currículos, percebendo que muito se perdia como métodos tradicionais de ensino de crianças, nos quais se passaram décadas e ainda se via suas ressonâncias.

Esse incomodo me fez me aventurar em vários autores da educação durante minha graduação. Paulo Freire, Moacir Gadotti, Rubem Alves, para enfatizar os progressistas que ainda gosto muito, mas também Jean Piaget, João dos Santos e Celso Antunes que me parecem mais construtivistas, ou que se preocupam mais com o desenvolvimento infantil. Contudo, uma paixão me foi aflorando por uma das poucas mulheres que se ouve falar entre os clássicos da

pedagogia, Maria Montessori. O seu método direto e sua fácil compreensão, bem como sua história de vida, ou seja, sua biografia de mulher em lugares de pensamento masculino, me fez perceber o quanto ela se parecia comigo, nesse desejo de fazer o convencional mudar de rumos, não só na escola tradicional, mas nos currículos e práticas docentes. Para além disso, entendi que seu método não só me servia, mas também me inspirava na constituição do se poderia fazer na minha realidade em educação infantil pública e privada na cidade de Exu.

Foi considerando os fatos narrados, que estive instigada em buscar respostas para as seguintes questões: o que se tem pensado como prática docente da educação brasileira para ensino infantil e o desenvolvimento da aprendizagem? O que é o método Montessori e o que posso fazer com ele?

Dessa forma, o objetivo deste trabalho será analisar a educação e aprendizagem infantil a partir da teoria de Maria Montessori, trazendo sobre essa análises narrativas autobiográficas de práticas docentes.

Ainda durante a definição da pesquisa, um incomodo que tive foi de como poderia alcançar o objetivo sem que fizesse apenas uma revisão de um grande conglomerado de pensamentos de autores sobre o tema. Meu desejo de estudar educação e aprendizagem infantil com Maria Montessori, nunca foi o de apenas ler, mas também intervir com a utilização do seu método. Contudo, o desejo era sempre impedido pelo acontecimento do momento, a pandemia do Covid-19, cuja medidas de cuidados nos orientavam ao distanciamento social, no qual trouxe a necessidade de mudança e adaptação ao contexto a estrutura e funcionamento escolar. Chego à conclusão de que não poderia seguir com uma pesquisa de campo. Mas em conversa com meu orientador, me foi apresentada uma ideia. Já que não era possível experimentar métodos para relatar, porque não relatar o que já tinha sido experimentado. Diante disso, ele me indicou a metodologia das narrativas autobiográficas.

De acordo com Ventura e Cruz (2019), as narrativas autobiográficas consideram as premissas de Walter Benjamin sobre a construção da história a partir de lembranças que colocam em questão as intencionalidades e estranhamentos que os discursos de seu narrado se fazem questionando a produção de si, de suas práticas, modos de vida e etc. Dessa forma, minha pesquisa buscou seguir atribuindo as minhas lembranças de práticas pedagógicas da educação infantil que se aproximavam do método montessoriano, fazendo conexão com sua teoria.

Passeggi, Nascimento e Oliviera (2016), também deixam a entender que o sentido de se fazer uma escrita autobiográfica sobre algum tema, não se faz se não por em primeira pessoa,

cujo a entrega do relato vem se dar por meio de uma entrega das experiências, do vivido, o que ocasiona autoanálise de seus próprios trajetos. Esse fazer contesta as demandas metodológicas de ciências positivistas, mostrando através de vários argumentos que não existe pesquisa neutra e objetiva, mas que todas elas estão implicadas com alguma intencionalidade que define a relação de interesse do autor. Dessa forma, não tenho necessidade de esconder os meus interesses e quero que este trabalho siga inventivo, crítico, mas sem pretensões de se torna verdade para qualquer outro.

A Educação Infantil Brasileira é proveniente de correntes de educação tradicionais que inicialmente se prende a métodos de memorização através da repetição. Apesar das inúmeras tendências educacionais, e propostas de novos métodos, que perpassaram pelo ensino brasileiro durante a história do país, ainda se encontra muita influência da tendência tradicional (GADOTTI, 2003; SAVIANI, 1997; 2005).

São vários os motivos que podem levar os professores a manterem alguns hábitos trazidos da forma que eles foram educados na infância. Perpetuando, assim, práticas que são vistas por outras tendências com ultrapassadas.

Dentre essas tendências, quero destacar a Tendência Construtivista, a qual tem como um dos representantes a Maria Montessori, pedagoga, médica e filósofa italiana. Uma mulher do século dezoito, que apesar de todos os impasses enfrentados na época conseguiu desenvolver seu método, usando uma base construtivista, que enxerga o aluno como construtor do próprio conhecimento.

Com o objetivo de entender como se deu a construção do método de Maria Montessori e sua eficácia na educação, os próximos títulos trazem reflexões sobre a história da Educação do Brasil, algumas legislações que influenciaram na Educação, de acordo com cada época; a história de vida de Montessori e como ela fundamentou seu método e, por fim, como ela idealizou e executou *A Casa da Criança*.

## **2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL**

As primeiras referências de ensino sistematizado chegaram ao Brasil junto com os europeus em 1549, por um movimento chamado Companhia de Jesus, através dos seus seguidores os Jesuítas. Nessa época o ensino foi muito marcado pelo seu modo de efetivação, que se dava mais como doutrinação religiosa para os indígenas, do que mesmo um ensino de

fato. Os indígenas eram catequisados de acordo com os dogmas da Igreja Católica Romana e ensinados sobre artes e culturas, temas considerados “humanistas” pelos europeus (ROSÁRIO; MELO, 2015). As visões dos europeus sobre os indígenas eram visões colonizadoras, logo, as artes e culturas indígenas não eram nem se quer percebidas por eles se não como selvageria. Entendendo dessa forma, o que era considerado “humanista” para os europeus, por serem temas que pautariam a suposta civilização eurocêntrica deles, serviria muito mais como manobra para colonizar os nativos de nossa terra.

No ano de 1759, os Jesuítas são expulsos da colônia pelo Marquês de Pombal, iniciando assim o período conhecido como Período Pombalino, em que o Marquês propõe modificações na forma de ensinar, como por exemplo, a implantação do ensino público oficial. São instauradas aulas com assuntos diferentes, desconexos, onde a administração desse ensino seria feito pelo rei Dom José I – inclusive, a própria nomeação dos professores também seria incumbência do rei e a remuneração deles, era feita a partir de um recurso chamado “subsídio literário”, um imposto criado e cobrado em cima da venda de água ardente da cana-de-açúcar (VIEIRA; GOMIDE, 2008, p.38).

Em 1808, com a chegada da Família Real e posteriormente a Independência, 1822, se inicia o Período Imperial em que foram criadas escolas com intenções burocráticas e militares para formação dos filhos da elite que aqui chegaram. O Ato Institucional de 1834 descentralizou a responsabilidade educacional.

Às províncias, caberia o direito de legislar e controlar o ensino primário e médio, e ao poder central se reservou a exclusividade de promover e regulamentar o ensino superior. A preferência dos estudantes por Direito e as duas escolas existentes, uma em São Paulo e outra em Recife, fizeram com que o currículo do nível médio se submetesse ao currículo destas faculdades. No século XIX, uma das características do ensino secundário, era a de se voltar totalmente para o preparo dos alunos para o ingresso na escola superior, devido à pressão exercida pela classe dominante que desejava que seus filhos fossem reconhecidos rapidamente como os homens cultos do país. Na educação média, a arte de falar bem era mais importante do que a criatividade do indivíduo (RIBEIRO, 1993, p.17).

Em 1889 acontece a proclamação da república e em 1891 é elaborada a primeira constituição republicana por Rui Barbosa e Prudente Moraes (CAVALCANTE, 2018). Nela assegurava-se o ensino público, gratuito e laico. Do Império à República, houve grandes mudanças no ensino, e ao que parece, somente aí obteve-se formação para os profissionais da educação, nos conceitos estruturais e pedagógicas.

O primeiro modelo de educação infantil sobre o qual esses professores poderiam efetivar seus ensinamentos, se deu também na Europa, mais especificamente na França, onde já haviam

creches. O termo mais popular do português poder-se-ia traduzir por manjedoura, viria a fazer referência e dar sentido aos espaços de educação das crianças nobres, filhos de famílias mais afortunadas (FERREIRA, 2021). No Brasil, no mesmo ano da Proclamação de República, a primeira creche teria sido inaugurada, como estabelecimento corporativo da fábrica de tecidos do Corcovado, no Rio de Janeiro.

Com a expansão do capitalismo, as revoluções industriais e a urbanização, as famílias precisavam cada vez mais de que seus integrantes se expusessem a condições desumanas nas fábricas, podendo enfrentar até 15 horas de trabalho diário, isso incluindo as mulheres e, consecutivamente, as mães. Essa mudança de contexto de trabalho levou a uma efetiva institucionalização das creches no Brasil e, com isso, fundou-se a Policlínica das Crianças da Santa Casa e o Instituto da Proteção e Assistência a Infância do Rio de Janeiro, sendo esta última uma instituição religiosa de muito prestígio que abriu filiais por todo Brasil (FREIRE; LEONY, 2011).

A partir de 1930, a ideia assistencialista de creche ganhou mais força com reivindicações de médicos e sanitaristas, que pretendiam atender as necessidades básicas das crianças. Em 1930, também foi o início do primeiro governo provisório de Getúlio Vargas. Em 1934, ele é eleito pelo Congresso e então é promulgada a terceira Constituição Brasileira, onde pela primeira vez a educação é defendida como direito de todos (CAVALCANTE, 2018,). Esse direito logo foi suprimido, pois em 1937, tem seu fim com a instauração da constituição redigida por Francisco Campos, sobre a qual se dá uma época de rupturas políticas que ficou conhecida como Estado Novo, e que seguiu até 1945.

Com o fim do Estado Novo, Vargas é deposto. Em 1946, o Brigadeiro Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente e, tão certo quanto a expressão “muda-se o sacerdote, muda-se a lei”, surge uma nova Constituição, democrática e liberal, assegurando novamente a educação como direito de todos e tornando obrigatório o ensino primário (CAVALCANTE, 2018, p.67-68)

Cinco anos depois, 1951, Getúlio Vargas acende à presença, dessa vez através de eleições diretas. Foi aí que os estudos de Jean Piaget – biólogo suíço que formulou teses sobre o desenvolvimento humano riquíssimas para a área da pedagogia e psicologia – ganharam notoriedade e espaço nas escolas brasileiras. A educação passa a ocupar uma pasta própria no governo, um ministério próprio: o Ministério da Educação e Cultura. Em 1953 e em 1954 a era Vargas chega vai se encaminhando para seu fim e chega à efetivação de sua queda com o suicídio do presidente, devido à pressão sofrida pelos seus adversários políticos.

Em 1956, Juscelino Kubitschek assume a presidência. Seu governo, marcado por fomentar a industrialização, propiciou desenvolvimento ao interior de alguns estados e regiões do país e, através da construção de Brasília, promoveu a integração nacional. No entanto, em se tratando de educação, nada foi efetivamente concretizado durante seu governo, pois nenhuma corrente de desenvolvimento escolar aparece com afinco nesse período, a não ser a do ensino técnico que requeria educar para se obter mão de obra de trabalho. A educação infantil é deixada de lado novamente, recebendo pouquíssimos incentivos e o ensino técnico passa a ser mais valorizado (CUNHA, 2002).

Na data do dia vinte de dezembro de 1961, é publicada por João Goulart a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB); a Lei N° 4.024, um documento baseado em pensamentos típicos da época que se pretendia atender as necessidades da sociedade. Isso faz com que aos poucos a educação tenha suas próprias normativas que vão se constituindo e se convencionando de acordo com cada governo, sobre os quais se fomentam políticas que se espelham na sociedade que os elege.

É interessante, todavia, pensar: que sociedade é essa? Pois a questão me instiga a perceber que tais leis e diretrizes, desde sua fundação, nunca deram conta de dizer que sociedade ela quer beneficiar. Desde de 2008, ano que iniciei o Normal Médio, percebo claramente que a história da educação no Brasil nunca foi pensada em beneficiar a população como um todo.

Como vimos, até agora, desde que os Europeus aportaram aqui, até o século XIX, não houve sistema de educação, o que houve foi iniciativas de grupos específicos em busca de seus próprios objetivos. Os religiosos tentaram catequizar os nativos na busca de frear o movimento conhecido como Reforma Protestante encabeçado pelo alemão Martinho Lutero. Depois disso, todos os governantes tomaram medidas para que os filhos das classes superiores fossem bem-sucedidos e assumissem as altas posições, enquanto os filhos das classes inferiores qualificavam-se apenas para a mão de obra necessária. E no que se refere à criança na primeira infância, até o século XVIII, ela nem era considerada um indivíduo carente de cuidados. A assistência das creches para criança de zero a sete anos, no Brasil, partiu da necessidade da mãe de trabalhar. Todos esses fatos históricos deixam cada vez mais claro, pra mim, que a LDB não supria as demandas do povo.

Quando me debrucei a estudar o movimento da Escola Nova, iniciado na década de 20, percebi que a LDB de João Goulart não era fruto de um pensamento ou reflexo de uma sociedade em que o objetivo fosse educação para todos, pois foi justamente a percepção de que

haveria interesses políticos e de poder sobre o povo que levantou-se esse movimento, no qual culminou em propostas de princípios e bases para a reforma de educação brasileira. Nesse movimento da Escola Nova, nomes de representantes como os de Anísio Teixeira, Loureço Filho e Cicília Meireles, têm notoriedade na história, pois esse grupo de educadores consideraram a regulamentação da Lei 4.024/61, desfavorável às classes populares, o que os levou a criticarem o apoio financeiro dado as escolas privadas e a pouca atenção dada a rede oficial de ensino.

Os debates para a aprovação de uma nova LDB, giraram em torno de iniciativas como os do Movimento da Cultura Popular de Pernambuco que buscou divulgar, por meio da arte popular regional, trabalhos de alfabetização de crianças e adultos (DE SOUZA, 2014). Essa iniciativa contou com a liderança do educador e filósofo Paulo Freire, reconhecido mundialmente por sua práxis educativa popular. As ideias que surgiam sobre esses movimentos ganham proporções nacionais e outros estados passam a segui-la. Porém, ao iniciar o Regime Militar, em 1964, foram tomadas medidas para tentar conter o movimento. Nesse período, o grande expoente e propagador da educação popular, Paulo Freire, foi preso e logo depois exilado na Bolívia, saindo para o Chile e muitos outros países (GADOTTI, 1996).

O Regime Militar ficou marcado em nossa história como um governo despótico, autoritário e centralizador, inclusive é visto até os dias atuais como deplorável em muitos aspectos. Por se tratar de um passado recente seus reflexos são sentidos até hoje (BOUTIN; CAMARGO, 2015).

Na educação, o programa militar incluiu a modernização das universidades, expansão do ensino obrigatório até oito anos e nas creches foi intensificado o assistencialismo com repasses financeiros a instituições filantrópicas como medidas governamentais aos pobres. Foi implementado na educação infantil um sistema chamado MOBREAL (Movimento Brasileiro de alfabetização) a cerca deste sistema foram publicadas literaturas esclarecendo como funcionaria, sendo que um dos pontos mais relevante foi a promoção do cargo de monitor que seriam pessoas escolhidas dentro da comunidade, que se encontra a escola, que prestariam funções pedagógicas. A classe média tornou-se adepta à escolarização pré-escolar, ofertada em parte por escolas particulares e incentivada pela criação da Coordenação de Educação Pré-escolar pelo MEC. Por haver essas duas formas de incentivos à educação infantil, surgiram dois conceitos sobre creches e pré-escolas, de que as creches eram destinadas aos pobres e tinham

funções apenas assistencialista e que as pré-escolas se destinavam aos ricos, pois além da assistência ofereciam atos educacionais.

No de 1985, aconteceu a Retomada Democrática. Em 1988 a criança passa oficialmente a ser o centro das políticas públicas por conta da nova Constituição que reconhece as creches como parte da educação, direito da criança e dever do Estado para o seu desenvolvimento integral. A atual Lei de Diretrizes e Base de Darcy Ribeiro é publicada em 1996, complementando a Constituição de 1988, nas normativas que regularão a educação nacional.

Após a formação da nova LDB, tem-se a necessidade de complementações ao passo que contextos e demandas aparecem no chão de sala e no ensino de suas disciplinas. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e as DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais), surgem então, com a intenção de dar conta dessas demandas.

Com o propósito de, por fim, reorganizar o que se ensina em cada período escolar na educação nacional, em 2017, aconteceu a homologação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Esses documentos são hoje o que regem, organizam e orientam o sistema educacional brasileiro. Cada um tem sua finalidade, mas todos defendem a educação como direito de todos, reconhecem as diferentes necessidades das modalidades de educação e primam pelo desenvolvimento integral dos educandos.

### **3. TEORIAS, CONCEITOS E PROPOSIÇÕES DE MARIA MONTESSORI**

Maria Tecla Artemisia Montessori nasceu em 1870, na comuna de Chiaravalle, na Itália. Desde muito cedo mostrou capacidade e interesse por matérias científicas, se destacando em Matemática e Biologia; matérias que não eram comuns no exercício escolar das mulheres que se endereçava, no seu contexto, para os campos da educação inicial, como extensão da educação familiar. Contudo, essa não foi a única característica incomum de Maria Montessori, pois contrariando a visão conservadora da época, ela optou por ser mãe solteira, onde o esperado era que se casasse, tivesse filhos e fosse professora.

Motivada por suas habilidades e interesses que contradiziam o esperado, ela frequentou a escola para rapazes, para assim cursar Matemática. Ao terminar o secundário, aos 17 anos, decidiu estudar Engenharia, mas diplomou-se em Ciências Naturais, e, logo em seguida, ingressou no curso de Medicina, contrariando agora o desejo de seu pai, Alessandro Montessori, que desejava que a filha trilhasse pelo caminho imposto pela sociedade sobre o que era comum

às mulheres. O pai sempre foi contra as decisões da filha, inclusive, ele parou de falar com ela por muitos anos (HOFFMANN, 2017).

Montessori ingressou na Universidade de Roma e lá começou cursar Medicina, sendo a única mulher de sua turma. Tal fato a colocou em vários impasses. Um deles foi que para cursar Medicina ela teve que obter autorização do papa Leão XII, depois ainda teve que enfrentar a oposição de Guido Baccelli, o diretor da faculdade e chefe do gabinete do Ministério da Educação. Ela foi pressionada a dissecar cadáveres sozinha durante sua graduação, pois sendo mulher não podia fazer isso junto com os alunos homens; tamanho era o poder patriarcal atribuído aos homens na Itália de seu século.

Levando em consideração as suas adversidades, características da repressão de seu gênero, e apesar de todos os impasses que se colocava diante de si, ela formou-se em 10 de julho de 1896 e com o seu título veio junto a referência de ser a primeira médica mulher na Itália. Ainda assim, mesmo tendo concluído sua formação médica, não lhe foi concedido o direito de seguir na profissão atendendo o público indiscriminadamente. Diante desse impedimento, começou a fazer trabalhos na Clínica Psiquiátrica da Universidade de Roma, onde trabalhava com crianças que tinham algum distúrbio mental, comportamental e/ou de aprendizagem (COSTA, 2015).

Inspirada pelo desafio da clínica onde trabalhava, Maria Montessori se aproximou dos estudos e obras de Édouard Séguin, médico e educador francês, conhecido por seus trabalhos com crianças com deficiência cognitiva, que em 1846 veio a publicar o livro *Traitement Moral, Hygiène, et Education des Idiots* (O tratamento moral, higiene e educação de idiotas e outras crianças atrasadas), segundo escreveu Hermann Röhrs na biografia *Maria Montessori*. A exemplo de Séguin, Montessori passou a criar seus próprios materiais de trabalho que mais tarde fariam parte de seu método. Montessori se inspirou, também, nos trabalhos de Jean Marc-Gaspard Itard. Como ela mesma explica, ele foi o primeiro a tentar um método de educação pelo ouvido, no Instituto dos Surdos-Mudos em Paris (MONTESSORI, 1965).

Ao passo que ela estudava as necessidades das crianças e obtinha conhecimento empírico na área de pedagogia, Montessori formulava novas considerações sobre o comportamento daquelas que atendia e dessa forma, novos conceitos iam sendo pensados na composição de sua metodologia. O trabalho que efetuou com o público a ela destinado foi tão eficaz, que logo ela passou a receber reconhecimento por seus avanços nos seus desenvolvimentos.

Aos 28 anos, ela participou do Congresso Médico Nacional, em Turim, onde defendeu a tese de que a principal causa do atraso das crianças deficientes/atípicas no aprendizado era a falta de materiais específicos para alcançar um melhor desempenho com elas, como foi contado no livro *Pedagogia Científica: A descoberta da criação* (1965). A partir daí, surgiu em Montessori a vontade de se formar em Pedagogia. Seguindo carreira pedagógica, chegou a ser nomeada codiretora da Liga para a Educação de Crianças com Retardo.

Em 8 de Janeiro de 1907, Montessori fundou a primeira Casa dei Bambini (Casa da Criança), em Roma, no distrito de San Lorenzo, onde recebeu crianças com faixa etária entre dois e sete anos, filhos da classe trabalhadora local. Nessa escola, eram executadas atividades diversificadas para desenvolvimento físico e de socialização. Durante 7 horas diárias as crianças usavam materiais que permitiam-lhes realizar tarefas que seriam úteis no seu dia a dia. Cada objeto da Casa da Criança estava ali por um propósito, inclusive os jogos que ao manusear o aluno mesmo decidiria a melhor forma de conduzir a brincadeira. Sobre essa autonomia, a criança era educada para enxergar os seus erros e possibilidades de corrigi-los de acordo com seus critérios predefinidos.

Após a repercussão de seus métodos pedagógicos no mundo, Maria Montessori é convidada a lecionar em Nova Iorque e Los Angeles nos Estados Unidos; depois esteve em Barcelona na Espanha e Londres no Reino Unido. Em 1922, ela é então nomeada Inspectora do Governo nas Escolas da Itália, chegando a espalhar seu método e influenciando vários contextos educacionais de seu país.

Durante o regime fascista de Mussolini, que tomou a Itália nos anos de 1920, várias escolas que agora já eram especializadas no Método Montessori, foram fechadas e em 1934 a educadora que vivenciou a tomada desse governo despótico, decidiu deixar a Itália. Em 1936, ela começa a trabalhar na Espanha, mas não permaneceu lá por muito tempo, pois iniciou-se a Guerra Civil Espanhola. Foi então para Holanda, e lá ficou durante algum tempo até decidir, em 1939, ir para a Índia para atuar como professora, lecionando no país durante sete anos.

Em 1946, três anos após a queda do governo Mussolini, voltou para seu país e, em 1947, já com 76 anos, Maria Montessori é convidada a apresentar-se na UNESCO com uma fala sobre “Educação e Paz”, tendo em vista renovar o que havia se perdido em seu país. Consequente ao seu empenho de restaurar a educação italiana, ela acabou recebendo três indicações ao Prêmio Nobel da Paz e, aos 81 anos, foi-lhe ainda oportunizada a participação do 9º Congresso

Montessori Internacional, falecendo um tempo depois na cidade de Noordwijk, na Holanda, em 1952 (RÖHRS, 2010).

Através da observação que Maria Montessori fez por todos os lugares em que passou, ela pôde levantar muitas hipóteses sobre a educação na primeira infância e assim efetuar testes e retificar suas hipóteses sempre que necessário. Foi esse seu olhar sensível que a fez enxergar que a evolução da criança depende das oportunidades e os recursos oferecidos, respeitando as suas necessidades e capacidades.

O fundamento do método Montessori tem por princípio romper com o pensamento de que a criança depende da condução do adulto para efetuar atividades, sejam estas pertencentes ao sistema de educação formal, como por exemplo, organizar um material por critério de cor, forma ou tamanho, ou atividades do cotidiano da criança, como prender o próprio cabelo ou abotoar uma camisa. O Método visa a criança como ser autônomo e central no processo de aprendizagem, ela é o principal agente de sua própria construção. Considerando essa promoção da autonomia, uma de suas frases marcantes é: “Urge formar homens valorosos para as gerações futuras; isto é: homens independentes e livres.” (MONTESSORI, 1965, p.54).

Por se tratar de um método cujo objetivo é preparar a criança para a vida adulta como um ser capaz de enfrentar seus desafios diários, o Método Montessori está apoiado em seis pilares, que são eles: autoeducação, educação cósmica, educação como ciência, ambiente preparado, adulto preparado e criança equilibrada.

A *autoeducação* poder-se-ia resumir como a possibilidade de permitir que a criança aprenda por si e isso acontece constantemente mesmo que nós adultos não percebamos. As crianças estão sempre observando o mundo ao seu redor e internalizando as aprendizagens através dos seus sentidos. Elas desenvolvem o jeito de se movimentar e de se expressar por intermédio do que enxerga no outro. A partir dessa percepção, Montessori desenvolveu materiais para serem manipulados, trabalhando a partir de desafio, um de cada vez, oportunizando a criança a chance de perceber seus próprios erros. Autônomas, elas poderiam escolher em que trabalhar, no momento que acharem conveniente e repetindo livremente quantas vezes forem necessárias cada exercício.

O fundamento que é chamado de *educação cósmica* tem o sentido de educação global. A primeira infância é marcada pelo egocentrismo, então, é importante buscar oferecer um ensino em que o aluno perceba que ele pertence a algo maior: família, escola, grupos sociais.

Depois de ampliar a visão de si do educando, fica tangível a percepção de que tudo que ele estuda faz parte de um conjunto maior.

Para enxergar a *educação como ciência* como um dos pilares do método Montessori, é imprescindível observar os alunos livremente no ambiente, permitir que eles interajam e busquem soluções para às questões apresentadas sem grandes interferências. A ciência só é possível com a experimentação, análise e considerações sobre fatos que atravessam os alunos, logo, quando necessário o professor deve propor caminhos para a solução dos problemas erigidos, com o propósito de organizar os afetos da experiência, mas não dispor da resposta de pronto para o discente.

Quando se fala em *ambiente preparado*, é fundamental falar sobre organização. Maria Montessori defende que organização pressupõe a aprendizagem. Para que o aluno tenha despenho cognitivo, ele precisa estar em ambientes que favoreçam isso, tanto no que se refere a estrutura física, quanto no que se refere a estrutura mental e social. O discente precisa ter acesso a objetos semelhantes aos usados por trabalhadores de diferentes profissões e objetos que estão presentes em nossas casas, como espelho, utensílios de cozinha e móveis. É comum que os pais tentem afastar esses objetos da criança para evitar acidentes, mas o afastar não pode ser integral, pois para aprender o sentido de sua matéria, a criança também precisa experimentar as funções dos objetos. Os móveis da casa são geralmente comprados para uso dos adultos, mas oferecer esses instrumentos adaptados à criança e permitir que ela os manipule à vontade, pode proporcionar um ambiente preparado para o crescimento dela. Nas escolas Montessorianas dispõem-se de tapetes para que cada aluno exerça seu estudo. Ele pode usar todo o perímetro do tapete estimulando o respeito ao espaço do colega que também está trabalhando.

O pilar que fala sobre o *adulto preparado*, trata-se especificamente do professor, que aqui ganha uma postura totalmente diferente daquele que encontramos nas salas de aula. O professor Montessoriano precisa estar preparado psicologicamente para não atrapalhar o trabalho do aluno, ele deve ver o aluno como um ser capaz de alcançar seus objetivos, sem que alguém esteja ao lado mostrando cada passo a se seguir, sem que estejam dando respostas prontas, ou mesmo pressionando o aluno. A melhor forma de aprendizado, é a forma que instiga a criança a sanar suas próprias dúvidas. Em analogia às palavras de Jesus, num dos momentos que ele tratou do orgulho humano (Mt. 18:1-4), Montessori escreveu: “Frequentemente, o adulto exerce o poder autoritário porque é forte e quer que a criança, por ser fraca, lhe obedeça. No entanto, deveria o adulto constituir-se, junto à criança, em guia carinhoso e esclarecido,

orientando a alma infantil pela senda reta e segura que leva ao Reino dos Céus.” (1965, p.21). Ou seja, precisamos abandonar o orgulho de sermos adultos e nos permitir aprender com/como as crianças.

Na concepção de Maria Montessori os bebês mantêm constantemente a vontade ligada às ações, ou seja, pensamento e ações andam instantaneamente. Podemos dizer que um bebê estando com algum brinquedo na mão, fixa o raciocínio no objeto que ele tem, não pensa em outros brinquedos ou faz planos pra depois que terminar a brincadeira, ele vive o aqui e agora. E quando ele segura um brinquedo, se for oferecido outro que chame sua atenção, instantaneamente o bebê soltar o primeiro brinquedo, ele não planeja onde colocar ou guarda na intensão de brincar em outra hora. A relação com o primeiro brinquedo é cortada no instante que ele se volta para o segundo. À medida que o tempo passa, o raciocínio e as atividades se tornam mais complexos. A mente ganha maior capacidade de interpretação e planejamento, já o corpo passa a ter mais força e precisão.

A partir desse ponto a criança busca novos desafios, percebe objetos mesmo que esteja fora do seu alcance e tenta subir ou descer em locais que nós julgamos não apropriados à sua idade. É nesse momento que os adultos passam a interferir cada vez mais nas ações da criança. Se um pai, que está vendo o filho aprendendo a andar, segurar o menino sempre que ele titubear, o menino vai levar mais tempo para descobrir o centro do equilíbrio. No mesmo exemplo, ao mesmo tempo em que o pai impede o filho de cair, ele produz um outro prejuízo: o menino não vai aprender a defender a boca, o que é muito importante para a compreensão do esquema corporal, afinal, nem sempre o pai conseguirá evitar que ele caia. A interferência do adulto cria um abismo entre o que a criança pensa e o que ela é capaz de fazer. Essa distância causa desequilíbrio na criança, que pode ser manifestada como irritabilidade, movimentos desordenados, agitação, ou, o oposto, a letargia, desinteresse de tudo, submissão.

Levando em consideração o que Maria Montessori considera equilíbrio, se conceberá o sexto pilar de seu método, a *criança equilibrada*. É sobre esse pilar que emerge-se a preocupação com as consequências que há em relação a interferência dos pais e professores nas vontades e ações das crianças como foi exemplificado anteriormente.

Considerando a história e formação do método Montessoriano, foi possível nesse texto apenas explanar alguns poucos passos que compõe sua teoria, totalmente implicada com sua formação, ou seja, com sua biografia e do que nela se deparou. Contudo, esse tateamento sobre sua história e formação teórica, deixam-nos desejosos de conhecer mais sobre sua trajetória,

assim, nas páginas que seguem, será possível visualizar a experimentação da tática *A Casa da Criança* a partir dos próprios relatos autobiográficos da autora.

#### **4. A CASA DA CRIANÇA DE MONTESSORI: RELATOS BIOGRÁFICOS DA CONSTRUÇÃO DE UM MÉTODO DE EDUCAR**

Depois de abrir duas *Casas da criança* em San Lorenzo, em 1907, no ano seguinte Maria Montessori abre outra em Milão em uma Instituição, chamada Casa do Trabalho, onde produzia o material didático planejado por ela. Em suas literaturas ela se esforça para deixar claro o quanto a experiência com crianças deficientes foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, inclusive o material educacional, e o quanto o espaço escolar da época engessava os alunos, causando muitas vezes malefícios ao desenvolvimento deles. As observações e pesquisas dela a levaram a perceber que as crianças produzem mais e entendem melhor temas abstratos quando estão em um espaço que lhes ofereça mais liberdade, onde possam aprender práticas do dia a dia, para depois se deterem nesses temas.

A *Casa da Criança* criada por Maria Montessori é uma sala de aula completamente diferente do que conhecemos por classe escolar. As Escola Montessorianas não se preocupam em ter uma estrutura muito elaborada, o foco está em ter um ambiente preparado para receber os alunos e isso diz respeito à organização do local. Outro ponto fundamental é o material usado, escolhidos cada um para desenvolver um papel na construção dos alunos, como por exemplo: o tapete sensório-motor, utensílios de cozinha, jogos de lógica, de tabuleiro e para montagem.

Invés de manter o padrão de mobília que é presente até hoje nas escolas, que são várias cadeiras e mesas do mesmo modelo enfileiradas, ela buscou mesas e cadeiras de formas diversificadas em tamanho adaptadas para as crianças e leves para que tivessem a liberdade de movimentá-las a seu gosto. Montessori dispôs de algumas páginas de seu livro exclusivamente para criticar a carteira escolar, de forma um tanto irônica.

Era, portanto, uma carteira escolar verdadeiramente científica, tendo com o princípio de sua construção o estudo antropológico da criança. Esse é um exemplo da aplicação literal da ciência à escola. Uma das principais finalidades da carteira escolar era impedir o aparecimento da escoliose nos escolares. Significa que os escolares eram submetidos a um regime tal, que, nascendo sadios, corriam o risco de sofrer uma contorção da coluna vertebral, tornando-se deformados! A coluna vertebral, capaz de resistir às mais duras lutas do homem primitivo e aos trabalhos do homem civilizado, que não se dobrou nos embates travados contra os leões do deserto, ou quando o homem subjogou o mamute, que manteve a sua posição quando o homem escavou a

pedra, dobrou o ferro, submeteu a terra ao seu domínio, essa coluna vertebral não resiste, e cede sob o jugo da escola! (MONTESSORI, 1965, p. 18).

Como médica, Montessori conhecia bem a influência que a carteira escolar poderia exercer sobre estrutura físicas das crianças e ela explica muito bem todo o fundamento que houve para a construção da carteira, mas no trecho anteriormente citado é possível perceber que ela desconsiderou esse fundamento e ironiza ao comparar o esforço que demanda a rotina escolar com o esforço feito pelo o homem durante a evolução da espécie.

Numa escola montessoriana é disponível para os alunos uma variedade de assentos, desde cadeiras, poltronas à sofás. Para organizar os matérias didáticos são necessários armários de fácil acesso, com fechaduras diferentes em suas portas, o que exige que discentes e docentes tenham uma atenção maior com os chaveiros. Também estão presentes nessas escolas pias para higienização dos discentes e simulação de atividades que eles observam os adultos fazendo, como lavar pratos ou encher a banheira para banhar bonecas como se fossem bebês.

Um fato que acho curioso na Maria Montessori é como ela conduz o simbolismo de sua crença católica para educação. Não me surpreende quando a vejo usando a Bíblia para fazer analogias, afinal em se tratando de analogia, a Bíblia é “o almanaque” mais completo no assunto, mas ela aplica muito mais significados às imagens e objetos, sobre os quais, para nós, passaria despercebidos. Por exemplo, ela fala de *Madonna della seggiola*, em que o propósito que foi atribuído a essa imagem é muito interessante, pois é a representação da Santa Maria com seu filho nos braços, que seria o menino Jesus, e ao fundo uma criança maior, no caso, João Batista. A imagem, em si, já é muito emblemática, como toda obra renascentista. Mas o propósito dessa obra na Casa da criança é dar à escola a imagem de um lugar acolhedor, provocar a reflexão acerca da missão de vida de cada aluno e reforçar a religiosidade através dessas reflexões.

Além dessa imagem, ela faz constatações a outros objetos que me deixam reflexiva. Por exemplo, em determinado momento ela fala de uma consola, um tipo de aparador, que uma de suas mestras colocou ao lado de uma janela, em uma das *Casas da Criança*. Sobre essa consola foi colocado algumas estantes, o que a metra não percebeu antes de fazer essa organização foi que a consola era estreita demais em relação às estantes e, ainda as estantes foram usadas para guardar peças de ferro. O resultado não poderia ser diferente: na maioria das vezes que as crianças iam manusear os materiais das estantes derrubavam estantes e as peças de ferro, a mestra precisou deixar os móveis como já estavam e ao passar dos dias as crianças adaptaram-

se àquela situação de tal forma que, não mais derrubaram os materiais. E qual foi a constatação feita por Montessori nesse episódio?

A habilidade das crianças suprir a deficiência do móvel. A simplicidade ou deficiência dos objetos exteriores servem, pois, para desenvolver a atividade e a destreza dos alunos. Tudo isso é lógico e simples. (MONTESSORI, 1965, p. 45).

Eu compreendo o posicionamento da autora, mas por uma questão de segurança, eu não esperaria que isso se repetisse. E pior seria quando os pais soubessem disso. Não demoraria para chegar aos pais a notícia de que vez por outra uma estante cai na sala de aula, as crianças mesmas contariam, talvez com um ar cômico, mas com certeza contariam e provavelmente esse fato não fosse bem aceito por eles.

Da época de Maria Montessori para hoje, algumas coisas foram modificadas. Numa sala de aula montessoriana não pode faltar um espelho. Hoje em dia, é possível encontrar espelhos de acrílico especificamente para uso de bebês. A ideia é instalar o espelho na altura da criança, colocar uma barra de metal ou madeira à frente do espelho, dispor no chão um tapete para o conforto da criança e brinquedos espalhados pelo ambiente. A barra serve para estimular o bebê a segurar e tentar ficar de pé, exercitando assim, a coordenação dos membros. O papel do espelho é incitar tanto a compreensão do corpo, quanto a compreensão intelectual, percepção do “eu”, as características físicas que diferenciam e definem alguém e, a percepção de “o que eu faço”, “como eu faço”, ou seja, a autonomia e a individualidade.

Durante o ano de 2020, foi encerrada minha atuação como auxiliar de sala e, estando mais tempo em casa, com o meu clã, tive a oportunidade de observar os bebês da minha família. Entre eles uma menina de nove meses que era muito quieta porque a interação dela era apenas com os pais e os dois também são pessoas de poucas palavras. Ela mal balbuciava sons e estava na fase de engatinhar, nos meses seguintes ela aprendeu a andar e devido a interação com minha família e comigo, passou a reproduzir mais sons.

No início de toda nossa interação, a minha casa era novidade para esse neném, ela pegava em todos os objetos, eu deixava e até estimulava para saciar sua curiosidade. Em pouco tempo tudo perdeu a atratividade, contudo, dois objetos se apresentaram a ela como algo significativo: as cortinas, onde ela brincava de esconde-esconde e o espelho. Para essa criança, brincar na frente do espelho, era algo novo. Atualmente, a criança tem um ano e quatro meses e cada movimento que ela aprende, percebo que ela vai até à frente do espelho e se olha, com o propósito de ver seu corpo executando os movimentos.

A disposição, minuciosamente planejada, dos objetos anteriormente citados, entre outros, tornam a classe um ambiente preparado para receber o alunado e despertar neles curiosidade por assuntos diferentes, o que resulta em autonomia ao executar as tarefas e em fazer suas próprias escolhas.

Maria Montessori e seu filho, Mário Montessori, difundiram uma teoria do desenvolvimento humano como tantos outros o fizeram, por exemplo Vygotsky, Wallon e Piaget, e apesar de não serem tão expressivamente conhecidos, trouxeram de forma prática e enfaticamente experienciadas, técnicas e dispositivos que acabam por inspirar tecnologias educacionais, mesmo que não se cogitem suas referências. Acredito mesmo que os Montessori's contribuem muito nos campos pedagógicos e psicopedagógicos e, em se tratando da ciência das práticas didáticas e de ensino e da ciência do desenvolvimento da aprendizagem, penso que tais práticas acabam por serem vistas em meio as diretrizes que a regulamentou em seus trabalhos. Diante disso, o capítulo que segue buscará revisar a Base Nacional Comum Curricular para o ensino infantil, vasculhando onde a teoria montessoriana pode apresentar críticas e problemas, bem como mostrar onde ela aparece e é efetivada em prol de mudanças no contexto educacional brasileiro.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando busquei compartilhar conhecimento na vida, entendi que nada faria sem que nela eu estivesse ali implicada, fazendo parte, junto dela, aprendendo com ela. Com isso, quero dizer que tudo que aprendi tem a ver com as experiências que conseguir tecer, com as relações que me foi possibilitado experienciar e que pude construir, me desenvolvendo enquanto um sujeito aprendente. Acredito que tudo isso reverberou no que me prestei a fazer nesse trabalho monográfico, pois tendo em vista o meu desejo de estudar a educação e aprendizagem infantil sobre o método de Maria Montessori, não poderia fazer diferente se não estivesse narrando aquilo que com ela aprendi, refiz e criei junto de minhas experiências.

Fazer um apanhado histórico da educação infantil seguiu sendo necessário na medida em que o que se observa ainda hoje é uma ressonância de uma pedagogia tradicional que muito ainda influência a prática docente, na qual foi possível também criticar quando se observa os relatos que como professora vi saírem de alguns colegas. Acompanhar essas paisagens

históricas, fez com que não só fosse possível uma crítica a partir de meu ponto de vista, mas também uma alerta para uma mudança necessária no fazer da aprendizagem da escola.

A biografia da autora que dar norte a esse trabalho, a saber, Maria Montessori, não poderia faltar. Sua vida dedicada a crianças desde sua primeira formação até a produção de sua pedagogia, foram inspiradoras, mais ainda, foi o prazer de poder conhecer mais sobre seus métodos e teorias, assim como poder efetua-los de alguma maneira.

Com meus relatos autobiográficos, pude demonstrar uma possível educação montessoriana, que talvez trouxesse com seus métodos outros modos de promover desenvolvimento de crianças e adolescentes. Tais experiencias de colocar métodos em prática se deram por meio de adaptação, pois inserida numa realidade outra de educação, é preciso criar para desenvolver, o que não foi difícil, pois tive aqui neste trabalho Maria Montessori como minha educadora.

## REFERÊNCIAS

- BOUTIN, Aldimara Catarina Brito Delabona; CAMARGO, Carla Roseane Sales. **A Educação na Ditadura Militar e as Estratégias Reformistas em favor do capital**. UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), 2015.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAVALCANTE, Aldemir Soares. As 7 constituições na História do Brasil e as alterações por meio de Emendas. **Revista Científica da FASETE**, 2018.
- COSTA, Magda Suely Pereira. Maria Montessori e seu Método. **Linhas Críticas**, volume 7, número 13, 2015.
- CUNHA, Marcus Vinicius. A Educação no Período Kubitschek: os Centros de Pesquisas do Inep: **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 83, n. 203/204/205, p. 127-140, jan./dez. 2002.
- DE SOUZA, Fábio Silva. **Movimento de Cultura Popular do Recife (1959-1964)**. São Paulo: USP-FFLCH, 2014.
- FERREIRA, Erika Beatriz Ramos. **A História da Integração do Cuidado e da Educação na Creche**. Educação Infantil Online, 2021

- FREIRE, Maria Martha de Luna; LEONY, Vinícius da Silva. A caridade científica: Moncorvo Filho e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (1899-1930). **Araruama**, RJ, Brasil, v.18, supl.1, dez. 2011.
- GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2003.
- HOFFMANN, Vera. **Identidade Interassistencial de Maria Montessori**. Volume 3, número3. 2017.
- MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica: A descoberta da Criança**, São Paulo: Flamboyant, 1965.
- PASSEGGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, 2016.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da Educação Escolar no Brasil: notas para uma reflexão**. Ribeirão Preto: Paidéia, 1993.
- RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. trad. Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves. Recife/ PE: Editora Massangana, 2010.
- ROSÁRIO, Maria José Aviz do; MELO, Clarice Nascimento de. A Educação Jesuítica No Brasil Colônia. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, nº 61, p. 379-389, mar, 2015.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 37ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez, 1997.
- VENTURA, L.; CRUZ, D. M. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, 2019.
- VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. **História Da Formação De Professores No Brasil: O Primado Das Influências Externas**. Paraná: EDUCERE, 2008.